
DIA DO BRINQUEDO: Diferentes perspectivas sobre o brincar dentro do ambiente escolar¹

Débora CANDEIAS²

Paola MAZZILLI³

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

O trabalho a seguir busca realizar uma reflexão em torno das perspectivas advindas das instâncias familiar e escolar acerca do Dia do Brinquedo e seus múltiplos objetivos. Buscaremos questionar o discurso comercializado pelas instituições de ensino, que dialoga contínua e diretamente com a sociedade, apoiando-se em práticas de consumo contemporâneas. Para explicitar a discussão, serão apresentadas entrevistas semiestruturadas, realizadas no ano de 2018, com representantes familiares e professores do Instituto Prisma de Educação e Cultura, localizado na Zona Norte da cidade de São Paulo. Abordaremos questões como conceituação da infância, o mercado de brinquedos e sociedade de consumo, a partir de teorias selecionadas com a intenção de criar um tensionamento, envolvendo principalmente Ariès, Bauman, Hall, Saramago e Winnicott.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade do consumo; Infância; Dia do brinquedo.

Introdução

Em junho de 2016, o jornal Nexo fez uma publicação especial dedicada aos brinquedos infantis e a existente necessidade de rompermos com predefinições atreladas ao seu consumo, como a segmentação de mercado entre meninos e meninas⁴. A matéria usou a campanha britânica *Let Toys Be Toys*⁵ para explicar a relevância do brinquedo para o desenvolvimento de práticas e habilidades sociais das crianças, tal como estimulá-las na vivência de novas experiências, que serão essenciais na formação dos seus interesses futuros. No material em questão, o jornal ainda buscou discutir a construção cultural existente por trás da criação desta segmentação de mercado, que pode privar as crianças de viverem novas experiências.

¹ Trabalho apresentado na II 6 – Interfaces Comunicacionais do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Recém-graduada no Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda da ESPM, e-mail: decandeias@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Psicologia Clínica e em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora do Curso de Comunicação Social da ESPM, e-mail: paola@espm.br

⁴ Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/especial/2016/06/08/Nem-de-menino-nem-de-menina.-Apenas-brinquedos>>. Acessado em 11 de abril de 2019.

⁵ Deixe os brinquedos serem brinquedos. Disponível em: <<http://lettoysbetoys.org.uk/>>. Acessado em 11 de abril de 2019.

Cerca de dois anos depois, a Dino⁶, através do portal da Exame, divulgou uma matéria a respeito da contribuição dos brinquedos e das brincadeiras para o desenvolvimento das crianças⁷. Segundo a reportagem, tais objetos ajudam a desenvolver tanto suas capacidades motoras quanto suas capacidades cognitivas, sendo responsáveis pelo desenvolvimento de habilidades e sentidos de uma maneira leve e sutil. A matéria deixa evidente que o brincar e o brinquedo traduzem a realidade da criança, servindo como um relevante auxílio na formação de seu futuro.

A relação da criança com o consumo de brinquedo se torna interessante e carregada de conteúdo para estudo quando entendemos o impacto do brinquedo na vida de cada indivíduo, tanto na forma como eles próprios se percebem no mundo, quanto na colaboração para o crescimento infantil e para o desenvolvimento de suas habilidades futuras (WINNICOTT, 1971, p. 63). Essa relação se torna ainda mais interessante quando analisamos fatores externos à criança e ao seu momento de brincar, como a perspectiva das instâncias familiar e escolar sobre o comportamento das crianças durante um determinado período do brincar.

De acordo com seu contexto, o brincar é visto e analisado de diferentes maneiras. Tendo em vista que buscamos compreendê-lo a partir da sua relação com a inserção da criança em uma sociedade de consumo, escolhemos explorá-lo no espaço socialmente pré-determinado para ensinar à criança sobre a sociedade: a escola. Como critério de seleção, buscamos um momento no qual os brinquedos pessoais ganham espaço nesse ambiente, sendo assim, selecionamos como momento ideal de observação e análise o Dia do Brinquedo, de forma que conseguimos avaliar como diferentes grupos percebem a importância que os brinquedos ganham quando inseridos nesse momento.

Atualmente, o consumo do brinquedo pessoal e a própria brincadeira são inseridos no discurso e nas práticas educativas, ora fazendo parte de atividades pedagógicas, auxiliando no desenvolvimento de tarefas, ora fazendo parte de atividades sociais e de relaxamento, tornando-se presente nos momentos recreativos. Os brinquedos ganharam força e adentraram o currículo escolar de forma que a instituição sentiu a necessidade de incorporá-los nos seus discursos e em suas práticas.

⁶ Dino é uma plataforma de divulgação de notícias que funciona com uma rede de distribuição que alcança cerca de 150 sites e portais online.

⁷ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/de-acordo-com-especialistas-brinquedos-e-brincadeiras-podem-contribuir-para-o-desenvolvimento-das-criancas/>>. Acessado em 11 de abril de 2019.

O contato com representantes da família e da escola nos fez perceber que o discurso comercializado a respeito do Dia do Brinquedo apresenta diferentes perspectivas, as quais buscamos questionar. Neste trabalho, escolhemos realçar o lado subliminar do brincar e do Dia do Brinquedo, que dialoga, continuamente, com a sociedade do consumo.

(I) Infância, Consumo e Brinquedo

Diante de quaisquer questionamentos sobre a infância e sua representação, tendemos a procurar respostas tomando como base nossos conhecimentos prévios, adquiridos através da nossa própria vida. Em outras palavras, entendemos a infância a partir de nossas próprias experiências. No entanto, para além do entendimento comum e individual, existe uma conceituação por trás da infância, que vem sendo negociada e estruturada continuamente. O tempo de vida conhecido hoje como infância é constituído por um conjunto de fatores que contribuem para a construção de uma forma de pensar e agir enquanto criança. Dentre outros, alguns fatores marcantes que nos ajudam a identificar os integrantes desse grupo são a família, os amigos, a escola e espaços de socialização infantil, como os clubes.

Segundo Ariès (1978), a infância é fundamentada em um processo histórico para sua valorização. Isto é, essa fase da vida vem sendo desenvolvida com o escopo de conquistar um espaço reconhecido socialmente. Mais do que isso, segundo Steinberg & Kincheloe (2001), a infância é entendida como um artefato histórico⁸ e social sujeito a sofrer mudanças conforme surgem transformações, portanto, transitório.

Ainda que hoje estejamos diante de uma nova realidade, na qual a infância tem um espaço no corpo social, esse curto período de tempo apresenta diferentes maneiras de se manifestar. Todas elas, sem exceção, dependem de fatores externos dos quais não temos controle, como questões sociais, econômicas e culturais. Dessa forma, entendemos que, ainda nos dias de hoje, não são todas as crianças que experienciam o que Ariès (1978)

⁸ Inclusive no campo da História da Arte, esse entendimento é endossado quando Ariès (1978) aponta que, em meados do século XII, a infância não possuía um espaço no corpo social, uma vez que a arte medieval não a reconhecia. Dessa forma, ao observarmos registros como pinturas e esculturas, a criança era representada como uma miniatura do homem. A etapa estabelecida como infância dentro da sociedade atual não fazia parte da realidade daquela época; sendo assim, logo que adquiria força física e independência, a criança era reconhecida como adulta, passando a ser integrada ao mundo adulto.

chama de *infância pura*, uma fase da vida que é resguardada para que a criança possa brincar, ser educada e crescer.

Tendo em vista que é no período da infância que a criança começa a desenvolver seus traços identitários, entendemos a relevância desse período na atual conjuntura social. Mais do que isso, a discussão sobre identidade mostra-se fundamental. A identidade de um sujeito pós-moderno, em suma, é descentralizada e definida pelo contexto histórico-social no qual está inserida, não por sua biologia (HALL, 1998). Temos claro que, dentro do contexto histórico atual, estamos inseridos em uma sociedade de consumidores que, segundo Bauman (2008), é representada por um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, na qual os indivíduos rejeitam quaisquer opções alternativas a essa. Ou seja, para que façamos parte dessa sociedade, devemos, sobretudo, consumir.

Enquanto criança, pertencer à sociedade de consumo é uma decisão tomada por terceiros, sendo esses, majoritariamente, a figura dos pais e/ou responsáveis. Isso porque, nessa fase da vida, o indivíduo ainda não possui poder de consumo, nem autonomia para consumir, sendo assim, o consumo é induzido por outrem. Deste modo, enxergamos o consumo infantil como um processo de inserção social que se utiliza do consumo material e simbólico para introduzir as crianças à sociedade.

No que se trata da sociedade, principalmente levando nosso olhar à infância, somos direcionados aos principais espaços de socialização das crianças, como a escola. Logo, apontamos sua significância no processo de ensino sobre a sociedade, uma vez que consegue traduzir, de forma estratégica, as normas sociais e suas aplicações, tornando-se uma representação, em menor escala, do corpo social. Segundo Saramago (2001), as instituições escolares⁹ são eleitas como um dos primeiros espaços de interação para as crianças. Nesse contexto, ainda que com pouca idade, elas iniciam seus primeiros movimentos de socialização primária, a partir da qual a criança começa a assimilar e a entender hábitos característicos de sua cultura, suas normas, seus valores e as formas de relacionamento existentes no grupo social no qual está sendo inserida.

De acordo com a autora, atualmente, a socialização primária encontra-se dividida entre a família e a escola, devido ao tempo de exposição das crianças em cada um dos dois contextos. Sendo assim, Saramago atesta a importância da intercomunicabilidade

⁹ Representadas pelas creches, jardins de infância e o ensino pré-escolar.

entre essas duas esferas do mundo da infância, promovendo um processo educativo conjunto entre ambas as instituições sociais.

Apresentado esse contexto, propusemo-nos a entender a relevância de destinar um espaço, dentro do ambiente escolar, para o brincar. Mais do que isso, dispusemo-nos a analisar, por meio da visão dos pais e/ou responsáveis e os professores, o Dia do Brinquedo, momento em que o brinquedo adentra o ambiente educativo, tornando-se parte do currículo escolar e ganhando importância nas práticas institucionais.

(II) Dia do Brinquedo

Para conseguirmos entender o Dia do Brinquedo e as situações nas quais os brinquedos se transformam em protagonistas na vida escolar das crianças, precisamos, primeiramente, explicitar a forma como o próprio mercado de brinquedos se organiza, dividindo-se em dois grandes grupos: o de brinquedos pedagógicos¹⁰ e o de brinquedos recreativos¹¹.

O primeiro grupo é designado aos brinquedos pedagógicos, inseridos no cotidiano das crianças como auxiliares no aprendizado. Dentro desse cenário, as escolas direcionam parte de suas propostas pedagógicas a esses brinquedos, utilizados tanto para ensinar matérias como matemática e português, quanto para desenvolver a autonomia, a concentração e a formação pessoal da criança, fortalecendo seus valores e estruturando suas primeiras relações.

O segundo grupo é designado aos brinquedos recreativos, permitidos no ambiente escolar apenas no dia estipulado pela própria instituição. Através deles, as crianças são levadas a trocarem e compartilharem seus primeiros pertences, criando, também, um laço entre o ambiente familiar e o ambiente escolar, visto que é uma oportunidade de levar um pouco de suas casas para a escola, realizando a intercomunicabilidade dos dois mundos da infância, citada por Saramago (2001).

É necessário ressaltarmos que quando falamos em brinquedos, não nos referimos apenas aos artefatos concretos comprados em distribuidoras e fabricantes; a mídia, o faz-de-conta e a criatividade são fatores importantes na hora de determinarmos o que é ou

¹⁰ Nesta categoria inserem-se os jogos de montar, os blocos de encaixe, quebra-cabeças, ábacos e outros.

¹¹ Nesta categoria inserem-se bonecas, bonecos, carrinhos, panelinhas, bolas, jogos de tabuleiros e outros.

não é um brinquedo. Comumente, as escolas não delimitam o que é considerado brinquedo dentro do ambiente escolar, dando espaço para que a escolha e determinação parta das próprias crianças.

Figura 1: Exemplo de brinquedo levado no Dia do Brinquedo



Fonte: Foto de autoria própria, 2018

Figura 2: Exemplo de brinquedo levado no Dia do Brinquedo



Fonte: Foto de autoria própria, 2018

A partir dessas informações e sabendo que nosso estudo é direcionado a uma parte da vida infantil na qual “tudo pode ser considerado brinquedo”¹², dependendo apenas da criatividade individual e coletiva de cada criança¹³, buscamos tensionar o discurso dos pais e professores a respeito dos brinquedos com o comportamento das crianças durante o Dia do Brinquedo¹⁴.

A prática do Dia do Brinquedo consiste em um dia semanal, estipulado pela coordenação e direção da escola, no qual as crianças da Educação Infantil podem trazer um brinquedo pessoal para o ambiente escolar. A atividade faz parte da grade curricular dos alunos, apresentando objetivos pedagógicos bem delimitados; além disso, a inserção do brinquedo pessoal na esfera educacional representa um momento de descontração durante a semana.

Verificamos, em diferentes instituições, que a atividade nasceu devido à dificuldade de adaptação das crianças à escola, que é um dos primeiros espaços de contato social em suas vidas (SARAMAGO, 2001), e através do qual a criança começa a se relacionar com diferentes pessoas e com o mundo exterior. Com o tempo, o Dia do Brinquedo tornou-se comum e passou a representar um momento de aprendizado para os alunos, que desenvolvem habilidades sociais, como o compartilhamento dos seus pertences e o cuidado com os pertences de outros colegas.

Reiteramos que a escola trabalha a sociedade, suas normas e práticas e, portanto, trabalha, de forma oculta, o consumo (CANDEIAS, 2018). Isto posto, atribuímos ao brinquedo um papel importante no processo de socialização e desenvolvimento da criança e compreendemos como sua inserção nos discursos e nas práticas escolares e familiares pode introduzir a criança em uma sociedade de consumidores.

Na escola estudada¹⁵, o Dia do Brinquedo ocorre às sextas-feiras após o recreio. De acordo com a coordenação do colégio, o brinquedo serve como incentivo para que as

¹² A fala, citada na pesquisa, é atribuída à mãe M.J., do Jardim, quando busca responder o que é brinquedo na sua opinião.

¹³ As crianças acabam por desorganizar as demarcações realizadas pelo próprio mercado de brinquedos, uma vez que entendem como brinquedo não apenas o que o mercado se esforça continuamente para ditar, como também quaisquer outros materiais e objetos aos quais elas consigam dar vida e incluir em suas brincadeiras.

¹⁴ Este artigo representa um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Escola Superior de Marketing (ESPM-SP), em dezembro de 2018, no qual realizamos uma inspiração etnográfica no Instituto Prisma de Educação e Cultura, acompanhando cerca de 80 crianças com idades entre 2 a 6 anos, seguida por entrevistas semiestruturadas com 4 mães e 4 professoras, das turmas do Maternal I, Maternal II, Jardim e Pré. Nesta pesquisa, nos aprofundamos em detalhes e observações a respeito do comportamento das crianças durante o Dia do Brinquedo.

¹⁵ Instituto Prisma de Educação e Cultura, escola voltada a alunos de classe média, em sua maioria classe C. Ao todo, possui cerca de mil estudantes; contabilizando apenas a Educação Infantil, falamos de 100 a 150 alunos.

crianças frequentem as aulas; é também muito comum que os brinquedos sirvam como auxiliares na adaptação das crianças menores ao espaço escolar.

Esse cenário nos conduz a uma análise simplificada, a partir da visão de uma amostra de pais e/ou responsáveis e professores, sobre o repertório existente por trás dos brinquedos dentro do contexto de cada uma das partes de importância na pesquisa, tal como nos permite observar como se dá a influência dos mesmos no aprendizado, nas experiências e na inserção das crianças na sociedade de consumo.

(III) A visão familiar e escolar

A dinâmica estabelecida dentro dos colégios durante o Dia do Brinquedo evidencia a integração do brinquedo, um dos primeiros objetos de consumo pertencente às crianças, em um espaço educativo¹⁶. Buscamos entender, então, como esse processo de integração é visto tanto pelo âmbito familiar quanto pelo âmbito escolar¹⁷.

Temos o brinquedo, tanto na visão das mães quanto na visão das professoras, como uma forma de aprendizado e desenvolvimento. Para ambos os grupos, a inserção do objeto no ambiente educativo tem como função primordial auxiliar no desenvolvimento das crianças, carregando um escopo pedagógico, de forma a funcionar como intercessor das tarefas propostas em sala para que as crianças fixem um determinado conteúdo. Dessa forma, as mães defendem que não existe brincar por brincar, o brincar está sempre relacionado ao ato de aprender, sendo o objeto visto muitas vezes como um instrumento/ferramenta para a diversão. Essa definição se encaixa na proposição de Winnicott (1971) que garante que o brinquedo impacta diretamente no desenvolvimento das habilidades futuras das crianças.

Brinquedo eu acho que é uma ferramenta, sabe? Nós temos ferramentas de trabalho, por exemplo, eu uso o computador para trabalhar; pra ele aprender, pra ele se divertir, ele precisa de algo que ajude nisso, então acredito que seja um instrumento pra diversão. (D.B., mãe do Maternal II).

¹⁶ É interessante retomarmos que as crianças participantes do trabalho se enquadram na infância definida por Ariès (1978) como *infância pura*. Pontuamos também que devido à idade, as crianças comumente manifestam comportamentos diferentes de um ano para o outro, uma vez que estão em constante desenvolvimento, atestando a veracidade do processo transitório (STEINBERG & KINCHELOE, 2001).

¹⁷ Todas as informações utilizadas para a realização deste artigo podem ser consultadas na íntegra em Candeias (2018), onde é possível ler as entrevistas na íntegra, conhecer detalhamentos sobre a pesquisa da inspiração etnográfica e até materiais produzidos pelas crianças observadas durante o Dia do Brinquedo.

A partir desses discursos, percebemos grande alinhamento de ambas as instâncias com as propostas de segmentação e comunicação ditadas pelo mercado de brinquedos. Essa concordância também aparece quando percebemos que, apesar de defenderem a ideia de que todos os brinquedos são educativos, é o segmento de brinquedos pedagógicos que ganha mais espaço no contexto escolar e nas salas de aula. Isto é, os esforços de comunicação do mercado geram valorização em torno dos brinquedos pedagógicos.

Ao abordarmos a utilização dos brinquedos, entendemos, pela fala das professoras, que a relação das crianças com os seus próprios objetos e com os objetos de outrem se difere, como afirma a professora N.B., do Maternal II: “Quando é o brinquedo da escola, eles têm até um pouco mais de cuidado porque eles sabem que não é deles. [...] quando é deles, eles têm menos cuidado”. Diferente do que supúnhamos, e apesar de existir ciúme e apego pelo brinquedo pessoal, o cuidado dado ao brinquedo dos colegas e da escola é maior do que o cuidado dado ao próprio brinquedo, tal como o interesse das crianças pelo brinquedo do outro aumenta, uma vez que se trata de um objeto considerado diferente, com o qual os alunos não têm contato diariamente. De acordo com a professora K.C, do Maternal I “Eles gostam porque às vezes eles enjoam do brinquedo que eles já têm, é o mesmo brinquedo todos os dias”.

Analisando o comportamento das crianças em relação ao brinquedo do colega, principalmente levando em consideração a fala da professora K.C., do Maternal I, entendemos que o “enjoar”, expressado pela professora, pode ser uma consequência da sociedade de consumo, que segue as lógicas do mercado e pode criar a incessante necessidade de substituição de um objeto por outro.

Corroboramos essa ideia trazendo a afirmação da professora B.M., do Pré “Eu acho que eles ganham muito brinquedo o tempo inteiro, então eles não dão muito valor. Eles ligam, mas não é aquela coisa... então o cuidado é pouco”. A troca constante de um brinquedo por outro e a criação ininterrupta de necessidade gera a obsolescência programada dos brinquedos, refletindo no aumento do consumo e na produção em série de novas versões do mesmo brinquedo, conforme Benjamin (2002).

O discurso das mães também corrobora com a proposição levantada. Percebemos que, segundo as mesmas, as crianças têm brinquedos em quantidade, os quais, na maioria das vezes, são utilizados apenas por um determinado período de tempo; a facilidade na troca se faz presente, também, nessas falas. Segundo a mãe V.M., do Maternal I: “Eles têm um tipo de brinquedo favorito, por exemplo, meu filho gosta só de carro, muito de

carro, mas ele tem vários carros e ele troca; cada dia é um carro.”. Dessa forma, a substituição dos brinquedos acontece de forma cada vez mais natural, colocando as crianças em contato com a descartabilidade dos objetos, validando a proposição da obsolescência programada citada anteriormente.

A ida ao campo nos permitiu tensionar a descrição feita pelas mães e professoras sobre o compartilhamento de brinquedos com o real comportamento das crianças durante o brincar. Por parte das crianças, imaginávamos encontrar certa resistência no momento de compartilhar os brinquedos, no entanto, percebemos que a forma como a troca é dirigida pelas professoras faz com que o ato de compartilhar seja visto como benéfico, gerando uma reação positiva nas crianças, como afirma a professora A.M., do Jardim: “Eu tento mostrar pra eles as vantagens de dividir seus brinquedos, de poder brincar com outro brinquedo que ele não tem e deixar o amigo brincar com um brinquedo diferente [...]”.

De acordo com as professoras, o Dia do Brinquedo colaborou com o desenvolvimento da socialização entre as crianças, uma vez que o artefato se torna um interesse comum que pode ser trocado ou dividido. Nas turmas mais novas, do Maternal I e do Maternal II, esse progresso é ainda mais perceptível, uma vez que as crianças estão iniciando seus contatos sociais; assim, o brinquedo pode servir como motivador de seus primeiros movimentos de sociabilização. A professora N.B., do Maternal II valida essa hipótese:

O que a gente percebe é que eles brincam, interagem mais um com o outro, principalmente quem não traz brinquedo porque vê que não tem, aí vai conversar com o amigo, falam que queriam ter o brinquedo, e aí eles acabam brincando juntos e interagindo muito melhor. (N.B, professora do Maternal II).

Assim como na escola, o compartilhamento e a divisão dos brinquedos é muito incentivada pelos pais dentro de casa; todas as mães entrevistadas afirmaram que os filhos não apresentam problemas de dividir seus brinquedos quando estão com mais crianças. Através das mães que possuem mais de um filho, conseguimos notar que as trocas de brinquedos são incentivadas, inclusive, entre irmãos e, de acordo com a mãe V.M., do Maternal I, que têm quatro filhos, essas trocas induzem à criação de alguns acordos e combinados entre as próprias crianças:

[...] a minha filha trouxe Polly com uma roupinha da [boneca da] irmã, que podia rasgar, então existiu uma negociação anterior. Ela podia levar, mas se a roupa rasgasse, ela teria de dar uma outra roupinha pra irmã, para compensar. No fim, rasgou a roupa e elas negociaram e trocaram entre elas. (V.M., mãe do Maternal D)

A mãe M.J., do Jardim, que também tem quatro filhos, explicou-nos que os brinquedos são passados de um filho para o outro, portanto, desde sempre as crianças foram ensinadas a dividir e a compartilhar seus brinquedos com os demais. Ainda assim, ela consegue perceber grandes diferenças entre emprestar o brinquedo para um colega da sala e para o irmão; segundo ela, em casa, por serem irmãos e existirem provocações, o compartilhamento é mais difícil do que ocorre na escola, que apresenta um contexto mais favorável para a divisão.

De acordo com a visão das mães e professoras, entendemos que o Dia do Brinquedo, realizado pela escola, é uma maneira institucional de ensinar as crianças a compartilharem seus pertences e, por conta dele, desenvolver a sociabilidade das crianças, que perdem o medo de emprestarem seus brinquedos.

Considerações Finais

Ao olharmos para a escola, enquanto instituição educadora, entendemos que é uma de suas funções dialogar com a sociedade, de forma a preparar as crianças para fazer parte da mesma. Isto é, o ecossistema escolar produz e reproduz certas formas de sociabilidade e educa seus alunos baseando-se em um projeto de socialização, sendo uma representação cada vez mais fidedigna da realidade. Sendo assim, é uma atribuição da escola ensinar algumas normas e comportamentos sociais, ainda que de forma velada.

Os brinquedos adentram a esfera escolar nos dois primeiros anos da Educação Infantil, como auxiliares na adaptação das crianças à escola; nos dois anos seguintes, as crianças não necessitam mais dos objetos para se adaptarem, ainda assim, eles continuam sendo permitidos, tendo seu espaço no cotidiano das crianças e contribuindo para atestarem seus poderes de consumo frente à sociedade.

O contato com as esferas familiar e escolar clareou nosso entendimento sobre as perspectivas que rondam o Dia do Brinquedo, um momento que já é parte de uma cultura enraizada dentro das escolas, uma vez que é um componente do currículo escolar dos alunos. Sendo assim, o discurso comercializado pelas instituições é naturalizado e assimilado de maneira instantânea tanto pela família quanto pelo próprio corpo docente

das instituições, que acabam por não perceber sua face oculta, que trabalha a educação para o consumo; isto é, a inserção das crianças em uma sociedade de consumidores.

Notamos que, em nenhum momento, os grupos familiar e escolar se dão conta, de maneira significativa, de que a inserção dos brinquedos nas práticas educativas gera a oportunidade de educar a criança para consumir. Em paralelo, existe o mercado de brinquedos que, dentro dessa condição, se beneficia tanto pelo espaço concedido indiretamente pelas instituições, sem que seja necessário adentrar o ambiente escolar, quanto pelos ensinamentos sociais sobre o consumo, que geram público consumidor de seus produtos.

Ou seja, para além do discurso vendido aos pais e/ou responsáveis e professores, o Dia do Brinquedo passa a ser caracterizado por muito mais do que um momento de compartilhamento e troca, mas por uma manifestação velada da educação para o consumo, institucionalizada a partir do momento em que a escola permite a entrada dos brinquedos. Sendo assim, o espaço educativo se transforma em uma vitrine para o consumo, na qual as crianças expõem seus objetos e são diretamente expostas a outros produtos que não as pertencem, desenvolvendo, nas mesmas, seus potenciais de desejo e consumo.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillipe. **História Social da Criança e da Família**. LTC, 1978.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação**, São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CANDEIAS, Débora. **Posso brincar com você? O papel do brinquedo pessoal na inserção da criança em uma sociedade de consumo**. São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP), 2018.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1998
- SARAMAGO, Sílvia (2001). **Metodologias de pesquisa empírica com crianças**. Sociologia, problemas e práticas. Oeiras, Celta Editora, nº 35, (9-29).
- STEINBERG & KINCHELOE. **Cultura Infantil: A construção corporativa da infância**. Ed: Civilização Brasileira, 2001.
- WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. Imago, 1971.